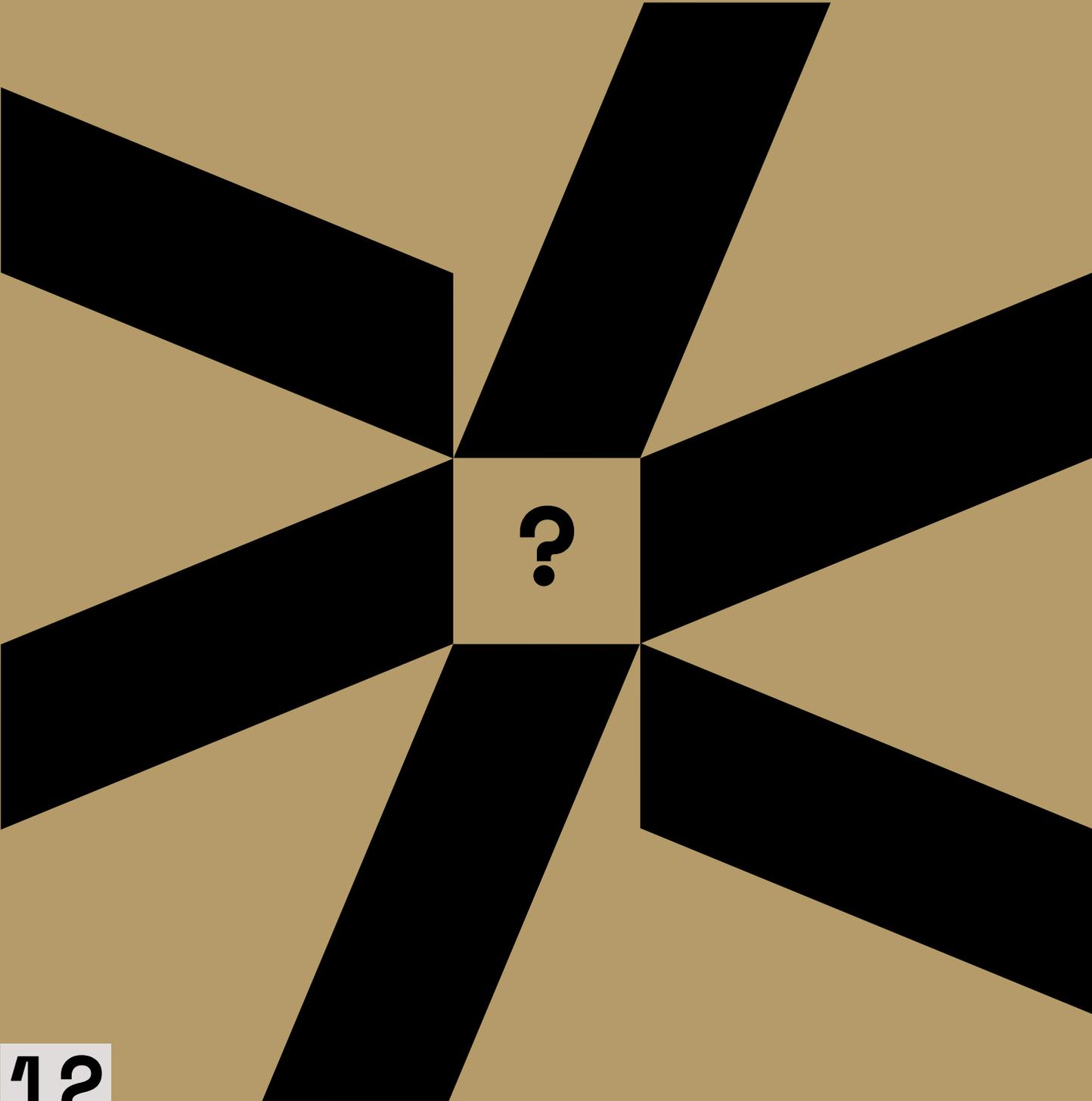


**MAIS DO QUE CASAS**

# **STARBURSTING**

**LIVRO DE ATAS**

**CONFERÊNCIA**



**?**

**12  
FEV  
2025**

**FACULDADE DE ARQUITECTURA  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

MAIS DO QUE CASAS

# STARBURSTING

LIVRO DE ATAS

CONFERÊNCIA



GISELA LAMEIRA  
LUCIANA ROCHA  
(COORD.)

**MAIS DO QUE CASAS STARBURSTING.  
LIVRO DE ATAS**

**AUTOR**

MAIS DO QUE CASAS [MDQC]

**COORDENADORAS**

GISELA LAMEIRA  
LUCIANA ROCHA

**DESIGN GRÁFICO**

CEDA – CENTRO DE ESTUDOS EM DESIGN E ARTE / FBAUP  
JOSÉ CARNEIRO [COORDENAÇÃO]  
ANA LEITE

**EDITOR**

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO [FAUP]

**ISBN**

978-989-8527-68-4

**DOI**

[HTTPS://DOI.ORG/10.24840/02-2025/978-989-8527-68-4](https://doi.org/10.24840/02-2025/978-989-8527-68-4)

1ª EDIÇÃO, PORTO, FEVEREIRO DE 2025

**DIREITOS DE AUTOR**

© DESTA EDIÇÃO, FAUP, PORTO  
© DOS TEXTOS, OS AUTORES  
© DAS IMAGENS, OS AUTORES

**SITE**

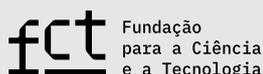
[MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT](http://MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT)

**CITAÇÃO (APA STYLE)**

Lameira, G., Rocha, L. (coord.) (2025).  
Mais do que Casas STARBURSTING: Livro de atas.  
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,  
Mais do que Casas.  
[HTTPS://DOI.ORG/10.24840/02-2025/978-989-8527-68-4](https://doi.org/10.24840/02-2025/978-989-8527-68-4)



AS FOTOGRAFIAS QUE INTEGRAM ESTA PUBLICAÇÃO  
PERTENCEM AOS AUTORES OU FORAM CEDIDAS POR ELES  
E NÃO PODEM SER REPRODUZIDAS A PARTIR DESTA EDIÇÃO.  
NENHUMA PARTE DESTA LIVRO PODE SER REPRODUZIDA,  
DE QUALQUER FORMA, SEM A AUTORIZAÇÃO EXPRESSA  
DO EDITOR E DOS AUTORES.



Much  
more  
than a  
window.

**OTIIMA**

**MAIS DO QUE CASAS – STARBURSTING  
ORGANIZAÇÃO**

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

GISELA LAMEIRA [CEAU-FAUP] – PRESIDENTE  
LUCIANA ROCHA [CEAU-FAUP] – PRESIDENTE  
RUI JORGE GARCIA RAMOS [FAUP]  
CLARA PIMENTA DO VALE [FAUP]  
FILIPA DE CASTRO GUERREIRO [FAUP]

**COMISSÃO EXECUTIVA**

JOÃO PEDRO XAVIER [FAUP]  
TERESA CALIX [FAUP]  
CLARA PIMENTA DO VALE [FAUP]  
FILIPA DE CASTRO GUERREIRO [FAUP]  
JOSÉ PEDRO SOUSA [FAUP]  
TERESA NOVAIS [CURADORA PROGRAMA  
MAIS DO QUE CASAS]  
LUÍS TAVARES PEREIRA [CURADOR PROGRAMA  
MAIS DO QUE CASAS]

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

ANA BORDALO [ISMAT]  
ANA CLÁUDIA MONTEIRO [ULP]  
ANA RUTE COSTA [LICA]  
ANA SILVA FERNANDES [FAUP]  
ANA CATARINA COSTA [CEG-ULISBOA]  
ANA TOSTÕES [IST-UL]  
ANA VELOSA [UA]  
CATARINA WALL GAGO [EPFL]  
CARLOS MACHADO [FAUP]  
CARLOS MAIA [EAAD]  
DANIELA ARNAUT [IST-UL]  
DAVID LEITE VIANA [DAMG]  
FERNANDO BRANDÃO ALVES [FEUP]  
FRANCISCO FERREIRA [EAAD]  
GABRIELA VAZ-PINHEIRO [FBAUP]  
GONÇALO ANTUNES [NOVA FCSH]  
GONÇALO CANTO MONIZ [DARQ]  
GUYA ACCORNERO [ISCTE-UL]  
HELENA BOTELHO [FAAULL]  
HUGO MACHADO SILVA [UFP]  
ISABEL MARTINHO DA SILVA [FCUP]  
JOANA MOURÃO [IST-UL]  
JOANA PESTANA LAGES [ISCTE-UL]  
JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA [DARQ]  
JOSÉ CARLOS MOTA [UA]  
LUÍS SANTIAGO BAPTISTA [ULL]  
MARIA TAVARES [FAAULN-FAMALICÃO]  
MIGUEL REIMÃO COSTA [UALG]  
NELSON MOTA [TU-DELFT]  
PAOLO MARCOLIN [ESAP]  
PATRÍCIA SANTOS PEDROSA [UBI]  
RICARDO AGAREZ [ISCTE-UL]  
RICARDO VIEIRA DE MELO [FAAULN-PORTO]  
ROBERTO FALANGA [ICS-UL]  
SIMONE TULUMELLO [ICS-UL]  
SOFIA SALEMA [EARTES]  
TERESA ALFAIATE [ISA]  
TERESA MARAT-MENDES [ISCTE-UL]  
TIAGO MOTA SARAIVA [FA-UL]

**COMUNICAÇÃO**

CAROLINA MEDEIROS

**ASSISTENTES DE CURADORIA**

PATRÍCIA REIS  
MIGUEL SILVA

**STAFF**

AFONSO SILVA  
ANA RITA FERNANDES  
BÁRBARA RODRIGUES  
BEATRIZ COSTA  
DANIELA PINTO  
INÊS PINTO  
JOANA BOULTWOOD SÁ  
MARGARIDA MOURA  
MARIA SOFIA SALDANHA BELTRÃO  
SIMÃO ALVES

**APOIO**

COMISSÃO COMEMORATIVA  
50 ANOS 25 DE ABRIL

**MECENAS**

OTIIMA

TRABALHO DESENVOLVIDO NO ÂMBITO  
DO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS.  
[MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT](mailto:MAISDOQUECASAS.ARQ.UP.PT)

**AGRADECIMENTOS**

CURADORES DO PROGRAMA MAIS DO QUE CASAS  
COMISSÃO EXECUTIVA DO PROGRAMA  
MAIS DO QUE CASAS  
MEMBROS DA COMISSÃO CIENTÍFICA STARBURSTING  
AUTORES DE PROPOSTAS SUBMETIDAS STARBURSTING  
INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NO PROGRAMA  
MAIS DO QUE CASAS  
ASSISTENTES DE CURADORIA DO PROGRAMA  
MAIS DO QUE CASAS  
STAFF STARBURSTING  
SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA FAUP  
OTIIMA  
COMISSÃO COMEMORATIVA 50 ANOS 25 DE ABRIL  
FAUP  
CEAU

## Q1 COMO CRIAR MODELOS DE CIDADE INCLUSIVA ATRAVÉS DA HABITAÇÃO?

- P.20 A RECUPERAÇÃO DE UMA MEMÓRIA EM RESPOSTA À NECESSIDADE DE HABITAÇÃO  
Joana Sabino Barreto
- P.27 COMUNIDADE INTER-GERACIONAL  
Joana Martins
- P.34 POROSIDADE URBANA E ARQUITECTÓNICA: O QUE É, PORQUE IMPORTA, QUANDO DESAPARECEU E COMO RECUPERAR?  
Rita Castel' Branco
- P.44 REVISITAR O BAIRRO DA MALAGUEIRA: LIÇÕES PARA O PRESENTE E O FUTURO DAS CIDADES  
Rodrigo Coelho
- P.53 RUMO À RESSIGNIFICAÇÃO DA CONDIÇÃO PERIFÉRICA DA URBANIDADE  
Andreia Garcia

## Q2 QUE SOLUÇÕES HABITACIONAIS PARA A GESTÃO DOS VAZIOS URBANOS?

- P.63 ÁGUAS CRUZADAS  
Teresa Amaro Alfaiate
- P.74 *CHÃO NOSSO*: NAVE PARA 2074  
Álvaro Domingues  
Helena Barbosa Amaro
- P.83 ECO EXPLORAÇÕES: ARQUITETURA REGENERATIVA NA ACADEMIA  
Nadir Bonaccorso
- P.92 FAZER CIDADE OU COMO HABITAR O VAZIO URBANO?  
Rodrigo Lino Gaspar
- P.100 HABITAR A LINHA. O ESPAÇO INFRAESTRUTURAL ENQUANTO HABITAR CONTEMPORÂNEO  
Tomás Abelha
- P.110 O VAZIO URBANO COMO EQUIPAMENTO CULTURAL ALTERNATIVO NA CIDADE DO FUTURO: O CASO DO ZÉNITE EM LISBOA  
Henrique Soeiro Andrade  
Lorenzo Stefano Iannizzotto

## Q3 COMO DESBLOQUEAR INOVAÇÃO NAS TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO?

- P.120 BACK TO BASICS: REPENSAR O TIPO E OS ELEMENTOS DA ARQUITETURA  
Tiago Lopes Dias
- P.128 CASA COMUM. A HABITAÇÃO INTERGERACIONAL ENQUANTO MODELO DE BOAS PRÁTICAS  
Inês Salema Guilherme

- P.136 FLEXIBILIDADE E MEMÓRIA  
Miguel Malheiro  
Alexandra Saraiva
- P.142 PROJETO BRANDA CIENTÍFICA: DA REATIVAÇÃO DE UM SISTEMA DE HABITAÇÃO ESTACIONAL  
Ana Luísa Salgado  
Nuno Valentim
- P.148 THE FREEDOM OF CONSTRAINTS: INSIGHTS FROM  
THE INNOVATIVE HOUSING PROJECTS OF CACCIA DOMINIONI  
Mahdi Alizadeh  
Luís Viegas

## Q4 COMO RENOVAR MODELOS DE HABITAÇÃO EM CONTEXTOS REGULAMENTARES RESTRITIVOS?

- P.156 HABITAR O TERROIR PICO: A PROBLEMÁTICA DE RENOVAÇÃO  
DOS MODELOS DE HABITAÇÃO EM PAISAGENS CULTURAIS  
Ana Laura Vasconcelos
- P.163 121 A 123 DA RUA DA BAINHARIA  
Olga Rita Álvarez Guillén  
Teresa Fonseca
- P.173 RESIDENTIAL HOME STRUCTURES PLUS 65 YEARS OLD IN LISBON, PORTUGAL.  
AUTOMATION OF THE SHAPE GRAMMAR RULES  
Filipe Montenegro Guterres

## #3

## POLÍTICAS DE HABITAÇÃO

## Q5 QUE ALTERNATIVAS ÀS ATUAIS POLÍTICAS DE RESPOSTA À CRISE DA HABITAÇÃO EM PORTUGAL?

- P.181 O FUTURO DO PASSADO: O POTENCIAL DA ASSESSORIA TÉCNICA,  
DAS RENDAS RESOLÚVEIS E DAS COOPERATIVAS NO ACESSO A HABITAÇÃO CONDIGNA  
Ana Silva Fernandes
- P.187 PORQUÊ REPETIR OS MESMOS ERROS?  
UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA CONSTRUIR PORTUGAL  
E SEU POTENCIAL IMPACTO NO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO  
Nuno Travasso
- P.196 "CAMINHO PARA O LAR". A POLÍTICA E A PROPAGANDA  
DA "CASA PRÓPRIA" COMO HERANÇA A QUESTIONAR  
Sérgio Dias da Silva

## Q6 O QUE SE RETIRA DO PROGRAMA SAAL NA REPOSIÇÃO DO DIREITO À CIDADE E À HABITAÇÃO?

- P.202 50 ANOS DEPOIS: A EVOLUÇÃO DOS BAIRROS SAAL EM LISBOA E NO PORTO  
Ana Catarina Costa  
Ricardo Santos

P.209 A HERANÇA METODOLÓGICA DO SAAL: O CASO DA ILHA DA BELA VISTA  
Francisca Machado  
Eduardo Fernandes

P.217 PREFABRICAÇÃO: UMA SOLUÇÃO FÁCIL PARA UM PROBLEMA COMPLEXO  
Diego Inglez de Souza

## **#4 REABILITAÇÃO**

### **Q7 COMO EQUILIBRAR AS METAS NET-ZERO COM A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO HABITACIONAL?**

P.226 CONTRIBUTOS PARA UM ATLAS DE REUSO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO  
Teresa Cunha Ferreira  
Pedro Murilo de Freitas

P.233 PROGRAMA HABITACIONAL DA COMISSÃO PARA O ALOJAMENTO DE REFUGIADOS (CAR)  
Pedro Sá

### **Q8 QUE ABORDAGENS INOVADORAS DA REABILITAÇÃO URBANA PROMOVEM A HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?**

P.246 CIDADES SAUDÁVEIS E QUALIDADE VISUAL URBANA  
- ANÁLISE PRÉVIA À REABILITAÇÃO URBANA  
Catarina Freitas

P.255 A ENVOLVENTE HABITÁVEL: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA NA REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS  
Cláudio Meireis

P.263 O REUSO NA ARQUITETURA: UMA OPORTUNIDADE PARA AS CRISES DO SÉCULO XXI  
Ana Filipa Batista Alvanéo

P.271 SLOW LIVING E PERCEÇÃO  
Beatriz Neves  
Carla Andreia de Carvalho

P.276 CONVERTER EDIFÍCIOS DEVOLUTOS EM HABITAÇÃO ACESSÍVEL: REFERÊNCIAS PARA UMA RESPOSTA HABITACIONAL ADEQUADA EM ÁREAS URBANAS CONSOLIDADAS  
Joana Mourão

## **#5 ENCOMENDA PÚBLICA**

### **Q9 QUAL O BALANÇO CRÍTICO AOS CONCURSOS DE CONCEÇÃO PROMOVIDOS RECENTEMENTE PELO IHRU E PELA SRU LISBOA?**

P.288 A ENCOMENDA PÚBLICA DE HABITAÇÃO A CUSTOS CONTROLADOS EM PORTUGAL. UMA ANÁLISE TIPOLOGICA E CONSTRUTIVA  
Rui Ferreira  
Carlos Maia

P.297 CONCURSOS DE CONCEPÇÃO –  
O DESAPARECIMENTO DA ARQUITECTURA NO DEBATE SOBRE A HABITAÇÃO  
Nuno Castro Caldas

P.303 HABITAÇÃO CRÍTICA: RECOLHA E PARALELO DOS CONCURSOS DO IHRU  
Luís Santiago Baptista  
Nuno Griff

**Q10** EM QUE MEDIDA OS PROGRAMAS  
DOS CONCURSOS PÚBLICOS CONDICIONAM  
A PROPOSTA DE MODELOS DE HABITAÇÃO  
RENOVADOS?

P.310 HABITAÇÃO CRÍTICA: O WORKSHOP COMO MODELO DE INVESTIGAÇÃO TIPOLÓGICA  
Filipe Quaresma  
Maria Pais

**#6** **HABITANTE**

**Q11** COMO INCLUIR OS HABITANTES  
NAS DECISÕES QUE DESENHAM  
O AMBIENTE CONSTRUÍDO RESIDENCIAL?

P.319 A PAISAGEM SONORA NO DESENHO PARTICIPATIVO DO ESPAÇO DOMÉSTICO  
Marina Santos  
Jorge Nunes

P.326 ARQUITETURA E IDEOLOGIA: UMA FIGURAÇÃO DO COMUM, A PARTIR DE CASA BRANCA  
Daniel Jesus

P.334 HOW TO UNDERSTAND THE CLIENT USING APPLIED SEMIOTICS?  
PROPOSAL OF COMMUNICATION MODEL AND ITS APPLICATION USING  
THE EXAMPLE OF BAIRRO DO PEGO LONGO, BY BARTOLOMEU COSTA CABRAL  
Krzysztof Michal Muszynski  
Mariana de Oliveira Couto Muszynski

P.341 CAMINHAR-REPRESENTAR-IMAGINAR  
NO BAIRRO DA EMBOLADOURA, EM GUIMARÃES, COM CRIANÇAS  
Gabriela Trevisan  
Mariana Martins de Carvalho

P.353 O PAPEL DA CULTURA EM ESTRATÉGIAS URBANAS INCLUSIVAS.  
PERSPETIVAS E PRÁTICAS NA ZONA ORIENTAL DE LISBOA  
Laura Pomesano

P.362 RUAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: ARQUITETURAS DE PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES DA LOMBA  
Francisca Weiner  
Joana Cruz

Q12 COMO FACILITAR O ACESSO  
DOS HABITANTES ÀS ATUAIS  
MEDIDAS DE APOIO À HABITAÇÃO?

P.369 ARQUITECTOS DE FAMÍLIA: ESTRATÉGIAS DE INTERMEDIÇÃO  
Ana Pires

**#7 ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS**

Q13 COMO CRIAR SOLUÇÕES RESPONSIVAS  
E SOCIALMENTE PARTICIPADAS  
DE ADAPTAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO  
ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS?

P.383 ASSESSMENT OF OUTDOOR THERMAL COMFORT  
FOR AN AGE-FRIENDLY AND CLIMATE-ADAPTED PUBLIC SPACE  
Rachita Klinmalee  
Helena Corvacho

P.394 CLIMATE CHANGE AND ENVIRONMENTAL RACISM:  
LOCAL KNOWLEDGE AND PARTICIPATORY APPROACH AS A TOOL FOR ADAPTING PUBLIC SPACE  
Kiki Moreira Soares  
Fabiano Maciel Soares

P.399 DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO RESPONSIVO AO STRESS CLIMÁTICO:  
COMUNIDADE, ENVELHECIMENTO, VULNERABILIDADE  
Ana Martins

P.409 UMA ANÁLISE DA CIRCULARIDADE DO SISTEMA ALIMENTAR  
A PARTIR DE PRÁTICAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DO PORTO  
Jeff Anderson

P.419 PROPOSTA DE PLANEAMENTO DE UMA REDE DE ABRIGOS CLIMÁTICOS  
- APLICAÇÃO À CIDADE DO PORTO  
Maria Luísa Scharlau da Silva  
Sara Maria dos Santos Rodrigues da Cruz

P.426 UM LUGAR À SOMBRA UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
DAS ESTRATÉGIAS DE MITIGAÇÃO DAS ONDAS DE CALOR  
Isabel Martinho da Silva  
Rita Moura

P.434 A STEP-BY-STEP FRAMEWORK FOR ENHANCING WALKABILITY AND URBAN GREEN RESILIENCE:  
GUIDELINES FOR GREEN AND RESTING AREAS IMPLEMENTATION USING THE WIEH INDEX.  
Franklin Gaspar  
Fernando Brandão Alves

Q14                    **COMO OTIMIZAR O USO DE SISTEMAS  
PASSIVOS E CONDIÇÕES LOCAIS  
EM MODELOS DE HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL?**

- P.449                    A VARANDA MEDITERRÂNEA COMO UM ARQUÉTIPO DE BEM-ESTAR  
                                 Catarina Ribeiro  
                                 Nuno Ramos
- P.456                    ALÉM DO CONFORTO: REDEFINIR A VIVÊNCIA TÉRMICA NA ARQUITETURA  
                                 Pedro Santiago
- P.463                    ARQUITECTURA PARA MAIS DO QUE HUMANOS: PENSAR A SUSTENTABILIDADE  
A PARTIR DA REVALORIZAÇÃO DE DIMENSÕES ECOSSISTÉMICAS QUALITATIVAS NO PROJECTO  
                                 Bruno Marambio Márquez  
                                 Sergio Elórtegui Francioli
- P.469                    THERMAL AND NATURAL LIGHT COMFORT ANALYSIS  
OF BOUÇA SOCIAL HOUSING DEVELOPMENT IN PORTO, PORTUGAL  
                                 Susana Alexandra Santos Pereira  
                                 Paulo Jorge Figueira de Almeida Urbano de Mendonça

# 50 ANOS DEPOIS: A EVOLUÇÃO DOS BAIRROS SAAL EM LISBOA E NO PORTO

ANA CATARINA COSTA

CEAU-FAUP (UPorto) e CEG-IGOT (ULisboa)  
[anacatarinadcosta@gmail.com](mailto:anacatarinadcosta@gmail.com)

RICARDO SANTOS

CEAU-FAUP (UPorto)  
[ricardofernandessantos@gmail.com](mailto:ricardofernandessantos@gmail.com)



STARBURSTING  
MAIS DO QUE CASAS  
12 FEV 2025 FAUP  
IMAISDOQUECASAS.ARO.UP.PT

## RESUMO

O Serviço de Apoio Ambulatório Local – SAAL foi um programa habitacional implementado durante o processo revolucionário português (1974-76) que representou uma forma alternativa de defesa do direito à habitação para as classes mais pobres e uma vontade de transformação da sociedade. Das cerca de 170 operações que se iniciaram por todo o país nos dois curtos anos do seu funcionamento, entre agosto de 1974 e outubro de 1976, 76 bairros conseguiram ver a luz do dia, alcançando-se a construção de aproximadamente 6.000 fogos, em grande parte concluídos após o término do SAAL.

Agora que se cumprem 50 anos de vida em democracia, importa perceber quais foram os resultados que o programa habitacional mais revolucionário em contexto nacional produziu nas comunidades por ele abrangidas através da observação de casos de estudo concretos.

A partir de investigações recentes e do contacto directo com os protagonistas (técnicos e moradores) dos bairros SAAL construídos nas cidades de Lisboa e do Porto, apresenta-se uma leitura da sua situação actual, das conquistas e qualidades, mas também dos problemas e desafios que estes enfrentam no presente. Discute-se a importância da construção de um processo de organização em torno de uma ideia de gestão colectiva e os desafios lançados, ao longo do tempo, no seio da maioria dessas comunidades, pelo regime de propriedade privada e individual.

Propõe-se, assim, uma reflexão sobre a implementação do processo SAAL e sobre a evolução e transformação dos bairros e das suas comunidades, de modo a repensar a sua metodologia proposta e o vínculo estabelecido entre colectivo e individual, na expectativa de que se possam lançar hipóteses para atender ao problema habitacional que, embora de carácter bastante distinto, persiste hoje em Portugal.

## PALAVRAS-CHAVE

SAAL / CIDADE / HABITAÇÃO / PROCESSO / TRANSFORMAÇÃO

## 1. INTRODUÇÃO: O SAAL, 50 ANOS DEPOIS

O SAAL foi um programa habitacional implementado durante o processo revolucionário português que representou uma forma alternativa de defesa do direito à habitação para as classes mais pobres, sustentada numa vontade de transformação da sociedade. Das cerca de 170 operações que se iniciaram por todo o país nos dois curtos anos do seu funcionamento (Membros efectivos, 1976; Bandeirinha, 2007), 76 bairros conseguiram ver a luz do dia, alcançando-se a construção de aproximadamente 6.000 fogos (AU, 2022). Considerando os principais estudos realizados sobre o SAAL, verifica-se que pouca atenção tem sido votada aos efeitos das suas concretizações no presente. Agora que se cumprem 50 anos de vida em democracia, importa perceber quais foram os resultados que o programa habitacional mais revolucionário em contexto nacional produziu nas comunidades por ele abrangidas.

O presente artigo pretende averiguar de que modo a experiência participativa desenvolvida neste serviço público descentralizado com orientação socialista e a reivindicação do direito à habitação, à cidade, ao lugar, à arquitectura, ao trabalho, a equipamentos e a transportes se reflectem (ou não) nas organizações e comunidades que lá residem. Partindo de investigações recentes realizadas pelos autores e do seu contacto directo com os principais protagonistas (técnicos e moradores) dos bairros SAAL concretizados nas cidades de Lisboa e do Porto, apresenta-se uma leitura da situação actual destes bairros, bem como das conquistas, problemas e desafios que estes enfrentam no presente.

## 2. PROCESSO SAAL NAS CIDADES DO PORTO E DE LISBOA

Na cidade de Lisboa formaram-se 17 operações SAAL, envolvendo cerca de 60.000 moradores. Embora em 1976 as equipas técnicas já tivessem elaborado projectos para aproximadamente 12.000 fogos, somente 7 operações avançaram, com a construção de cerca de 1.400 casas, na sua maioria concluídas no início da década de 1980 (Drago e Santos, 2023). São os casos dos bairros Curraleira-Embrechados, D. Leonor, Fonsecas-Calçada, Liberdade, Bela Flor, Quinta do Alto e Quinta do Bacalhau-Monte Coxo (Drago e Santos, 2024). Já na cidade do Porto, formaram-se 33 operações SAAL, envolvendo cerca de 40.000 moradores. Conhecem-se projectos elaborados pelas brigadas técnicas para 22 bairros, todavia apenas se avançou com a construção parcial em 11, correspondendo à edificação de 418 fogos nos bairros de Maceda, Antas, leal, Chaves de Oliveira, Lapa, S. Vítor, Massarelos, Francos, Bouça e Contumil e de equipamentos em Contumil e na Sé (Costa, 2022). Com a extinção do SAAL logo no final de 1976, perante os esforços e expectativas gerados, os resultados alcançados revelaram-se escassos. Verifica-se, ainda, uma desproporção entre número de operações e fogos edificados nos dois exemplos, que se justifica pela animosidade feroz dos serviços camarários face ao SAAL no Porto (Costa, 2022: 137-161), onde apenas se procedeu à construção parcial da primeira fase planeada em cada um dos bairros já em curso, enquanto em Lisboa, apesar dos bloqueios, ainda foi possível alavancar posteriormente a construção em alguns bairros que já tinham os seus projectos aprovados ou de mais fogos planeados nas operações mais adiantadas (Drago e Santos, 2024).

A dimensão dos bairros edificados em Lisboa é maior do que no Porto, tanto em termos de número de casas como de escala. A maioria das operações construídas consistem em edifícios de habitação colectiva, enquanto no Porto consistem sobretudo em casas unifamiliares em banda. Existem, contudo, excepções, como o bairro da Curraleira-Embrechados, em Lisboa, onde convivem edifícios de habitação colectiva e casas unifamiliares em banda, ou o bairro de Massarelos, no Porto, composto por edifícios de habitação colectiva.

Contemplando a quantidade de operações SAAL, constata-se que estava em curso uma verdadeira revolução urbana nas duas cidades (Drago e Santos, 2024: 87), com a mobilização de moradores pobres que residiam em condições altamente precárias, desde barracas, prédios sobreocupados, casas pré-fabricadas ou ilhas (no Porto). Alguns moradores mal-alojados eram migrantes recém-chegados em busca de melhores condições de vida, mas grande parte correspondia

já à segunda ou terceira geração de famílias nascidas em Lisboa e no Porto em situação de precariedade habitacional, mas com forte sentido de urbanidade (Drago e Santos, 2024). As áreas de intervenção SAAL em Lisboa encontravam-se no limite da cidade consolidada, enquanto no Porto se distribuíam por toda a cidade, com prevalência na área oriental, junto à linha de comboio. Em todo o caso, pode dizer-se que no Porto os bairros têm visto reforçada a sua condição de centralidade, enquanto em Lisboa, embora tal também tenha acontecido, alguns destes bairros permanecem “no centro, à margem” (tomando o sentido do título de um trabalho de Queirós, 2015).

### 3. EVOLUÇÃO E FUNCIONAMENTO ACTUAL DOS BAIROS CONSTRUÍDOS

A evolução destes bairros é heterogénea e decorre de diversos factores, nomeadamente: dimensão e grau de concretização dos projectos a partir dos quais foi possível criar, ou não, uma ideia de unidade; capacidade de organização e gestão por parte das associações ou cooperativas de moradores ao longo do tempo; apropriação e utilização prolongada das casas; áreas urbanas onde se situam e integração no tecido da cidade; e evolução do regime de propriedade sobre casas e terrenos.

Dois exemplos de sucesso são os bairros da Bela Flor (Lisboa) e de Contumil (Porto), onde são notórios os resultados do esforço e gestão colectiva dos seus moradores. Na Bela Flor, para além do bom estado de conservação dos edifícios, encontramos um conjunto de equipamentos, como o ringue desportivo, a antiga capela e as hortas colectivas, que servem de espaço de encontro e contribuem para a promoção de um sentimento de comunidade. Em Contumil, a gestão do bairro continua a ser assegurada pela associação de moradores, que tem realizado obras de melhoramento nas casas e nos espaços comuns, como a construção de um parque infantil. Quando as casas ficam vagas, tem-se possibilitado o acolhimento de novos associados mal-alojados, mantendo vivo o propósito para o qual o bairro foi concebido.



Figura 1. Bairros da Bela Flor (2023) e Contumil (2022) © Francisco Ascensão

Nos bairros da Curraleira-Embrechados (Lisboa) e de Maceda (Porto), a falta de regularização sobre a propriedade das casas e sobre o direito de utilização dos terrenos, respectivamente, colocou os seus moradores numa situação de ambiguidade face à responsabilidade de gestão dos edifícios e dos espaços comuns. Enquanto em Maceda essa situação foi regularizada em 2023 (Costa, 2025), na Curraleira-Embrechados os moradores conseguiram obter em 2020 um perdão da dívida das antigas cooperativas sobre os empréstimos e encontram-se de momento num processo de negociação com a Câmara de Lisboa para encontrar uma solução para o regime de propriedade.



Figura 2. Bairros da Curraleira-Embrechados (2023) e de Maceda (2022)  
© Francisco Ascensão

Noutros casos, como na Quinta do Bacalhau-Monte Coxo (Lisboa) e em S. Vítor (Porto), a regularização dos bairros afigura-se mais complexa, no primeiro caso pela pressão camarária e imobiliária exercida sobre os seus terrenos e no segundo pela inexistência de uma organização de moradores, algo que deve ser visto no contexto específico de um conjunto onde foram construídas apenas 12 casas novas.

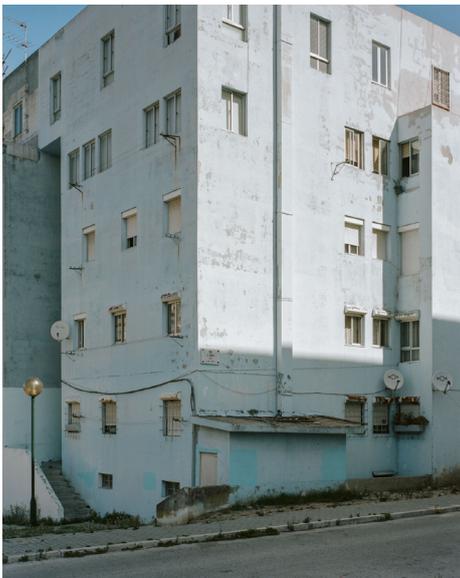


Figura 3. Bairros da Quinta do Bacalhau-Monte Coxo (2023) e de S. Vítor (2024)  
© Francisco Ascensão

Olhando para os bairros da Quinta do Alto (Lisboa) e da Bouça (Porto), a compra e venda das casas tem originado uma transformação social. Se na Quinta do Alto, em Alvalade, se tem verificado o aluguer de quartos e uma crescente transação das casas que, contudo, não gerou uma alteração de classe, na Bouça pode dizer-se que está em curso um segundo ciclo de gentrificação (Machado et al., 2024), com a substituição dos moradores iniciais e das classes trabalhadores por uma classe média que quer residir num edifício projectado por Álvaro Siza.



Figura 4. Bairros da Quinta do Alto (2023) e da Bouça (2023) © Francisco Ascensão

#### 4. CONCLUSÃO

Passados 50 anos desde o lançamento do SAAL, encontram-se realidades muito diversas nos bairros construídos considerando estas duas cidades. De um modo genérico, pode dizer-se que no Porto ainda prevalece a propriedade colectiva das casas gerida pelas associações de moradores, com direito de utilização dos terrenos camarários, enquanto em Lisboa predomina a constituição de um regime de propriedade horizontal e de condomínios. Esta transformação no regime de propriedade, reflexo da vontade dos moradores perante a transformação social do país e o constante incentivo à propriedade privada (sobretudo a partir da década de 1980), tem implicado uma degradação do sentido de comunidade nalguns bairros e um desvio face ao propósito original do SAAL. De qualquer modo, não se pode estabelecer uma relação directa entre este factor e o bom funcionamento dos bairros, como se quis mostrar. As organizações activas continuam a prestar apoio aos moradores, a garantir a gestão dos bairros e o bom estado de manutenção dos edifícios ou a promover processos para a regularização da sua situação e são fundamentais para a dinamização das comunidades. Acima de tudo, constituem exemplos de autonomia e autogestão onde há uma implicação com o comum e uma correlação entre individual e colectivo (Fernández-Savater, 2020). Este é certamente um legado do Processo SAAL, que desde o início tomou como fundamental o envolvimento dos moradores e a defesa do vínculo já existente com o lugar. Independentemente dos desafios que cada uma destas comunidades atravessa hoje, o sentimento de bairro e de pertença persistem na maioria dos casos e são poderosos. Apesar da concretização parcial dos projectos e da diversidade de soluções encontradas a nível nacional, espera-se que uma investigação continuada sobre a evolução dos bairros SAAL aponte alternativas aos burocráticos processos de participação pública actualmente promovidos e possa lançar hipóteses para atender ao problema habitacional que, embora de carácter bastante distinto, persiste em Portugal.

## AGRADECIMENTOS

A investigação sobre o Processo SAAL/Porto foi desenvolvida ao abrigo de uma bolsa de doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (ref. SFRH/BD/115226/2016). A visita e contacto com moradores dos bairros SAAL em Lisboa decorreu da investigação realizada para o livro “Cidade Participada: Arquitectura e Democracia – Lisboa. Operações SAAL” (2024) e do ciclo “O problema da habitação: Olhar para os bairros SAAL hoje” organizado em parceria com o Museu de Lisboa. O mapeamento dos bairros SAAL construídos a nível nacional está enquadrado no projecto “Uma Arqueologia da Utopia” que, até ao momento, contou com o apoio do CEAU e do programa Shuttle (projecto Pláka) promovido pela Câmara Municipal do Porto. Os autores gostariam ainda de agradecer a todos os moradores, técnicos e representantes das organizações locais dos bairros SAAL visitados pela partilha e pela generosidade e disponibilidade demonstradas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

An Archaeology of Utopia (AU). 2022. Last modified April 10, 2024. <https://anarchaeologyofutopia.com/>.

Bandeirinha, José António. 2007. O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Costa, Ana Catarina. “O campo da arquitectura na construção da cidade democrática: Processo SAAL/Porto.” PhD diss. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2022. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/142880>.

Costa, Ana Catarina. 2025, no prelo. “Perdidos nas nuvens? Os bairros SAAL e o lastro da utopia na cidade do Porto”. In [A definir]: Organização comunitária, participação política e mudança urbana no Porto revolucionário, coordenado por João Queirós, x-y. Porto: Afrontamento.

Costa, Ana Catarina, Ricardo Santos, e Ana Bigotte Vieira. 2024. O problema da habitação: Olhar hoje para os bairros SAAL/Lisboa. Lisboa: Museu de Lisboa/EGEAC.

Drago, Ana, e Ricardo Santos. 2023. “A experiência mais interessante é a operação SAAL. Filipe Lopes. Um arquitecto de Abril”. In Políticas de Habitação em Lisboa. Da Monarquia à Democracia, coordenado por Gonçalo Antunes, 364-373. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Drago, Ana, e Ricardo Santos. 2024. Cidade Participada: Arquitectura e Democracia – Lisboa. Operações SAAL 5. Lisboa: Tinta-da-China.

Fernández-Savater, Amador. 2020. Habitar y gobernar: Inspiraciones para una nueva concepción política. Barcelona: Ned ediciones.

Machado, Marta; Paulo Catrica, Ana Catarina Costa, e Eduardo Ascensão. 2024, no prelo. “Differentiated inhabitation of ‘auteur architecture’: Photographing Álvaro Siza’s Bouça housing estate”. Sophia Journal, Landscapes of Care: Public housing across multiple geographies: crossing theories and practices, no.9 (Dezembro): x-y.

Membros efectivos do VI Conselho Nacional do SAAL, ed. 1976. Livro branco do SAAL 1974-1976. [s.l.]: Conselho Nacional do SAAL.

Queirós, João. 2015. No Centro, À Margem: Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto. Porto: Afrontamento.

## BIOGRAFIAS

### ANA CATARINA COSTA

Ana Catarina Costa é mestre (2010) e doutorada (2022) em arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Integra, desde 2015, o Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (Universidade do Porto) e, em 2022, passou a integrar também o Centro de Estudos Geográficos (Universidade de Lisboa) no âmbito da sua participação no projecto de investigação “Habitar Siza” enquanto bolseira pós-doutoral. A sua produção científica incide, maioritariamente, no Processo SAAL/Porto (tema do seu doutoramento), questões habitacionais e políticas públicas. Desde 2021, co-coordena a plataforma Uma Arqueologia da Utopia, onde são mapeados os bairros SAAL construídos por todo o país.

CIENCIAVITAE 8513-7280-0DB4

ORCID 0000-0001-8300-774X

### RICARDO SANTOS

Ricardo Santos é arquitecto doutorado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2014). Integra o Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (Universidade do Porto) desde 2012 e, desde 2015, o conselho editorial da colecção editada pela Tinta-da-China dedicada às Operações SAAL. Coordenou os livros “Cidade Participada: Arquitectura e Democracia. Operações SAAL. Oeiras (2016) e Lisboa (2024, co-autoria com Ana Drago). Entre 2022 e 2023, foi membro da Comissão Científica da exposição “Políticas de Habitação em Lisboa. Da Monarquia à Democracia”, apresentada no Museu de Lisboa (2023). Encontra-se a trabalhar sobre dois volumes dedicados ao SAAL/Loures e SAAL/Setúbal.

CIENCIAVITAE E61D-C44E-3B57

ORCID 0009-0000-4450-6941

# MAIS DO QUE CASAS.ARQ.UP.PT

12 FEVEREIRO 2025 - FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



MAIS  
DO QUE  
CASAS



Centro de Estudos  
de Arquitectura e Urbanismo



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



Much  
more  
than a  
window.

OTIIMA